

Pesquisar

**EDITORIAL DE PEDRO ALMEIDA VIEIRA**

# 1640: janela fora com o negócio do pânico; acreditem na Ciência, seus medrosos!



por Pedro Almeida Vieira // Agosto 15, 2023

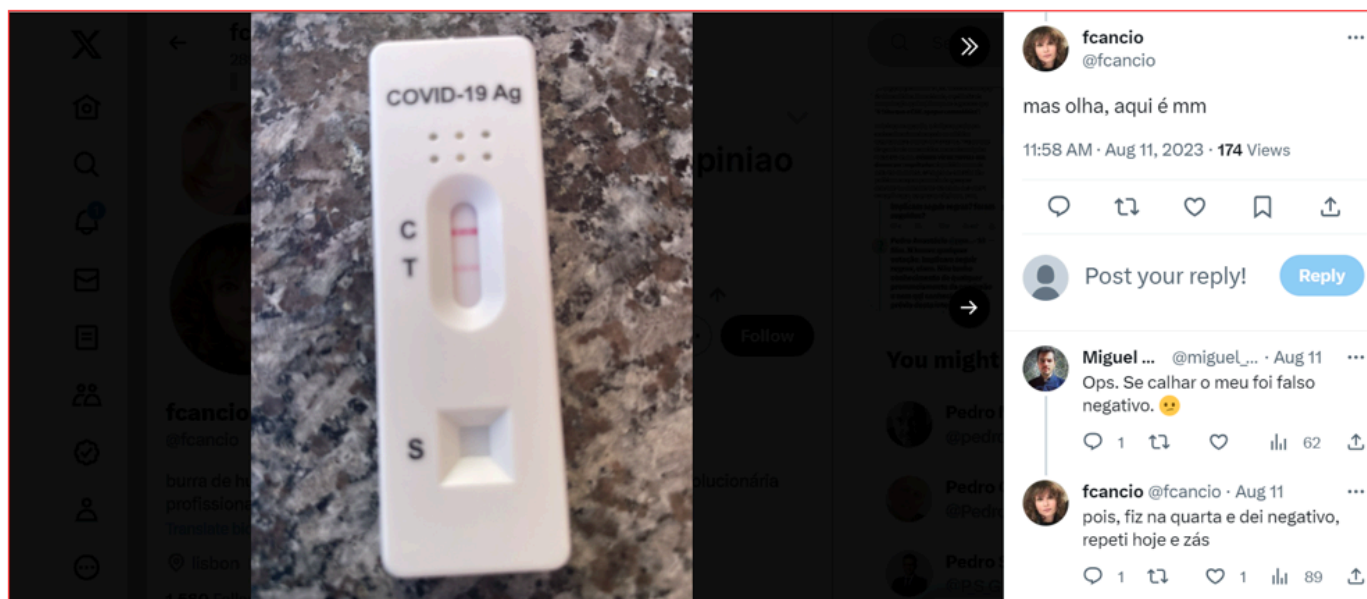
CATEGORIA: **OPINIÃO**TEMAS: **EDITORIAL, PEDRO ALMEIDA VIEIRA, DESTAQUE OPINIÃO**

8 minuto/s restantes

Há dias, na rede social X li um tweet da jornalista do DN Fernanda Câncio – uma das muitas vozes jornalísticas que me chamariam (chamaram) negacionista – a anunciar que tinha covid-19. O rol de comentários e as reacções da dita jornalista fizeram-me, em simultâneo, rir e lamentar: a pandemia – chamemos-lhe assim, porque houve efeitos graves em termos de Saúde Pública, tanto pelo SARS-CoV-2 como pela gestão política – ainda vive como o maior dos pânicos na cabeça de muita gente. E continuar a viver na cabeça de jornalistas medrosos é uma grande merda, porque serão estes primeiros que vão andar aos gritos a dizer que o bicho está vivo, ressuscitou e vem ainda mais enfurecido...

Entretanto, de quando em vez, surgem novas sobre a covid-19 – como aconteceu agora com Eris, **uma conveniente variante para se continuar a vacinar**. Ou até sobre novas e

certas pandemias, daquelas que ainda nem existem, mas que supostamente estão já com curas a caminho. Por exemplo, se este título – **Cientistas tentam impedir nova pandemia. Doença ainda não existe, mas cura já está a caminho** – não tivesse sido feito em dia de calor forte, eu pensaria que estávamos ainda no dia 1 de Abril.



Sou hoje um opositor nato sobre a vacinação contra a covid-19. Primeiro, porque claramente se escondem os efeitos adversos das vacinas e até mesmo os negócios obscuros em seu redor. Segundo, porque, a par do obscurantismo em redor das reacções adversas e dos negócios, este fármaco mostra-se completamente desnecessário para a esmagadora maioria da população, a começar pelos jovens saudáveis e a estender-se por aqueles que já tiveram contacto quer com as diversas variantes do SARS-CoV-2 quer com algumas (espero que poucas) doses de vacinas.

Na verdade, quem teve covid-19 ou foi já inoculado, aquilo que mais deve desejar é ser “visitado” com regularidade pelo “bicho”. Quantas mais vezes e mais frequentemente, melhor. Quantas mais vezes e mais frequentemente, menos sentirá a “visita”.

Falo pela minha experiência. E vou contá-la, porque está quantificada.

Há precisamente dois anos, estava então a recuperar de um longo internamento hospitalar, fruto da covid-19 misturada por um sedentarismo imposto, que me afectara as defesas imunitárias, por uma pneumonia bacteriana nosocomial e por uma negligência médica (fio de cateter alojado no coração).

Sobrevivi, porque a Ciência e os médicos também “existem” para isso: para nos salvarem se estivermos no lado mais improvável das estatísticas. Na verdade, não seria suposto que alguém da minha idade, com poucas comorbilidades – para além dos

efeitos do sedentarismo imposto por uma péssima gestão política de uma pandemia – padecesse consequências tão gravosas.



Mas aconteceu e sobrevivi. Um dia isto não correrá tão bem, mas parece ser essa a Lei da Vida. Porém, esta percepção da morte e da nossa finitude não deve afectar o direito ao livre-arbítrio com base no conhecimento, e por isso jamais emparceirei com o maior inimigo da racionalidade: o pânico. E sobretudo do pânico colectivo que, tantas vezes, empurra indivíduos inteligentes para as turbas ululantes que correm em direcção ao populismo – que pode vir de um suposto filantropo nos corredores da OMS, de um marinheiro com ego maior que um submarino, de um médico insuflado pelas farmacêuticas ou até de jornalistas travestidos de missionários.

Costumo dizer que não me chocou o comportamento das massas durante a pandemia, quando se assistia aos maiores dislates na perseguição de outras visões, mas sim as atitudes insanas e as cobardias dos “intelectuais”. Chocou-me sobretudo as posições de muitos jornalistas, demasiados. Então nas direcções editoriais não há um só que me mereça, neste momento, o mínimo de respeito: em vez de se assumirem como os

bastiões da democracia, comportaram-se como os bastões de um fascismo asséptico e moralista.

Não foram períodos muito dignificantes para muitas pessoas – mesmo que o neguem agora. A opressão e a perseguição nunca defendem boas causas.

Portanto, continuando: poucas semanas depois da minha saída do hospital, enquanto subia a Calçada da Estrela e a Calçada do Combro para recuperar fôlego e para demonstrar que isso da “covid longa” dependia mais da mente do que do corpo, andava eu já a receber chamadas dos centros de vacinação para levar a “pica”. Mesmo antes dos supostos seis meses que então dava à “imunidade natural”, provinda do contacto com o “vírus selvagem”.



Não aceitei a dádiva, e mais do que nunca li sobre esta matéria. Artigos científicos, claro. Sobre efeitos das vacinas mas sobretudo sobre o risco de uma reinfeção tão ou mais grave – neste último caso, sempre se mostrou virtualmente próxima de zero.

Assim, mesmo com a imposição anticonstitucional e carente de qualquer ética do acesso a locais públicos e a viagens a não ser que se fosse vacinado, não tive qualquer dúvida em não me vacinar.

Não o fiz por pirraça ou por ideologia. Nem por ser “negacionista” (como poderia ser?) nem para irritar os *marketeers* Froes & Guimarães ou pelos despautérios da doutora Graça Freitas, que ficará na História do século XXI por ser uma Autoridade Nacional da Saúde que orgulhosamente anunciava não saber mexer num computador. Também não recusei por concordar com o princípio enunciado por Friedrich Nietzsche de que aquilo que não nos mata torna-nos mais fortes.

Não me vacinei por causa da Ciência. E pelo princípio, muito da Medicina – que parece ter sido Ciência invadida por dogmas, a ponto de se tornar numa religião inquisitorialmente gerida à bastonada por um bastonário – *primum non nocere*: primeiro, não prejudicar.




Recusei, mas sem recusar, contudo, a possibilidade de estar errado: de que a imunidade natural – dos efeitos benéficos por um contacto prévio com o vírus não ser

suficientemente duradouro e forte para “aguentar” novo embate, mesmo sabendo-se que as variantes Ómicron se mostraram muito menos “agressivas”.

Por isso, segui a Ciência: aquela que, por exemplo, costumava recomendar só tomar um fármaco se o risco compensar eventuais prejuízos. E, ainda mais, no caso da vacina contra a covid-19, a qual ainda não se conhecem todos os efeitos adversos. E a postura das autoridades de Saúde – reféns dos Governos e dos lobbies – em esconder informação não abona para a confiança.

Daí que, meio ano depois da minha primeira infecção – e das outras maleitas –, fiz então um teste serológico IgG para apurar os níveis de imunidade. A análise deu 427 BAU/ml, sendo que 33,8 BAU/ml é o valor de referência para a existência de uma resposta imunitária à covid -19.

Ainda pedi, vejam lá, à Direcção-Geral da Saúde comentários sobre o assunto para saber se recomendavam a vacinação nessas circunstâncias. Responderam-me? Claro que não. E não foi por falta de insistência, porque além de um e-mail em 28 de Dezembro de 2021, houve mais dois em Janeiro de 2022.



**GERMANO DE SOUSA**  
CENTRO DE MEDICINA LABORATORIAL

**PEDRO ALEXANDRE ALMEIDA VIEIRA**  
Idade **52 Anos**  
Nº Inscrição **IH06295 / 14574243**

Pág. 2 / 3  
Data de colheita **24-03-2022**  
Data de emissão **24-03-2022**


IMUNOSEROLOGIA	Resultado	Unidades	Valores de Referência	Resultados anteriores
<b>Ac. Anti-Coronavirus SARS-CoV-2</b>				20-12-2021
IgG	<b>438.00</b>	BAU/mL	427.00	16-08-2021
<b>Antígeno: Proteína S (Spike) Trimérica</b>				16-08-2021
<b>Método: Quimioluminescência</b>				
			Negativo: < 33.8 BAU/mL	
			Positivo: >= 33.8 BAU/mL	

A presença de anticorpos IgG anti-SARS-CoV-2 é indicativa de uma resposta imunitária à infeção. A evidência científica atual ainda não nos permite afirmar que um título elevado de anticorpos IgG anti SARS-CoV-2 é garante de imunidade efetiva ou duradoura. A presença de anticorpos IgM anti-SARS-CoV-2 pode ser compatível com infeção recente a SARS-CoV-2 ou a *status* inicial após vacinação; Sugere-se re-avaliação num intervalo de 3/4 semanas, para monitorização da resposta imunológica, quer em período de convalescença ou se após vacinação.  
*Este método permite a detecção de anticorpos IgG anti-SARS-CoV-2 neutralizantes após infeção ou após vacinação.*

**Referências bibliográficas:**

1. To KK, et al. *Temporal profiles of viral load in posterior oropharyngeal saliva samples and serum antibody responses during infection by SARS-CoV-2: an observational cohort study.* Lancet Infect Dis. 2020;20:565-74. ([https://doi.org/10.1016/S1473-3099\(20\)30196-1](https://doi.org/10.1016/S1473-3099(20)30196-1))
2. Alexandra C. Walls, et al. *Structure, Function, and Antigenicity of the SARSCoV-2 Spike Glycoprotein.* Cell 2020; 180, 281-292 (<https://doi.org/10.1016/j.cell.2020.02.058>)
3. Beata Turonova, et al. *In situ structural analysis of SARS-CoV-2 spike reveals flexibility mediated by three hinges.* BioRxiv 2020. (<https://doi.org/10.1101/2020.06.26.173476>)

Pólo Tecnológico de Lisboa - Rua Cupertino de Miranda, 9 - lote 8 - 1600-513 Lisboa - Tel. 212 693 530 - Fax 217 161 676 - [contact@germanodesousa.com](mailto:contact@germanodesousa.com)  
CENTRO DE MEDICINA LABORATORIAL GERMANO DE SOUSA, SA - DIRECTOR GERMANO DE SOUSA - MÉDICO PATÓLOGISTA CLÍNICO - LICENÇA DE FUNCIONAMENTO Nº117LZ039  
LABORATÓRIO CERTIFICADO COM SISTEMA DE GESTÃO DA QUALIDADE ISO 9001

  
Dra. Ana Cristina Lopes

Resultados dos meus testes serológicos IgG em 20 de Dezembro de 2021 e em 24 de Março de 2022

Três meses mais tarde, novo teste serológico para “testar” a durabilidade da imunidade: em 24 de Março de 2022, o valor foi de 438 BAU/ml. Em vez de descer até subiu um pouco. Terá havido novo contacto: não sei; se houve, não senti.

Outros três meses se passaram, e em Junho de 2022 nova amostra de sangue, e o resultado saiu: 331 BAU/ml. Baixou em relação ao trimestre anterior, mas bem acima dos 33,8 BAU/ml de valor de referência.

Poucas semanas depois, sucedeu algo que me “beneficiou”: tive confirmadamente covid-19, com dores de garanta, um pouco de mal-estar geral. Tive muitas gripes muito piores. Passou em dois dias. Que fiz: novo teste serológico para saber – tinha de fazer isso para ser Ciência – como evoluíram os anticorpos IgG. Pois bem, subiram para 846 BAU/ml. Terá sido, enfim, o equivalente a um “booster” natural, certo?

Confesso que nunca mais pensei no assunto. E só por causa da jornalista Fernanda Cândia – e o pavor que se vislumbra ainda em muitas cabecinhas jornalísticas (a ponto de embandeirarem logo no “circo das vacinas” que se têm de escoar) – fui fazer, na sexta-feira passada, novo teste serológico IgG. O resultado tem algo de simbólico: 1640 BAU/ml, que remete para um feliz ano para os portugueses, que arremessaram da janela o jugo castelhano.



**GERMANO DE SOUSA**  
CENTRO DE MEDICINA LABORATORIAL

**PEDRO ALEXANDRE ALMEIDA VEIRA**  
Idade: 53 Anos  
Nº Inscrição: BT36491 / 16942028

Pág. 8 / 9  
Data de colheita: 11/08/2023  
Data de emissão: 14/08/2023

IMUNOSEROLOGIA	Resultado	Unidades	Valores de Referência	01/08/2022	Resultados anteriores	26/07/2022	22/06/2022
<b>Ac. Anti-Coronavirus SARS-CoV-2</b>							
IgG	<b>1640.00</b>	BAU/mL			846.00		331.00
<b>Antígeno: Proteína S (Spike) Trimérica</b>							
<b>Método: Quimioluminescência</b>							
			Negativo:	< 33.8 BAU/mL			
			Positivo:	≥ 33.8 BAU/mL			

A presença de anticorpos IgG anti-SARS-CoV-2 é indicativa de uma resposta imunitária à infeção. A evidência científica atual ainda não nos permite afirmar que um título elevado de anticorpos IgG anti SARS-CoV-2 é garante de imunidade efetiva ou duradoura. A presença de anticorpos IgM anti-SARS-CoV-2 pode ser compatível com infeção recente a SARS-CoV-2 ou a status inicial após vacinação;  
Sugere-se re-avaliação num intervalo de 3/4 semanas, para monitorização da resposta imunológica, quer em período de convalescência ou se após vacinação.

**Referências bibliográficas:**

- To KK, et al. *Temporal profiles of viral load in posterior oropharyngeal saliva samples and serum antibody responses during infection by SARS-CoV-2: an observational cohort study.* Lancet Infect Dis. 2020;20:565-74. ([https://doi.org/10.1016/S1473-3099\(20\)30196-1](https://doi.org/10.1016/S1473-3099(20)30196-1))
- Alexandra C. Walls, et al. *Structure, Function, and Antigenicity of the SARSCoV-2 Spike Glycoprotein.* Cell 2020; 180, 281-292 (<https://doi.org/10.1016/j.cell.2020.02.058>)
- Beata Turonova, et al. *In situ structural analysis of SARS-CoV-2 spike reveals flexibility mediated by three hinges.* BioRxiv

Pólo Tecnológico de Lisboa - Rua Cupertino de Miranda, 9 - lote 8 - 1600-513 Lisboa - Tel. 212 693 530 - Fax 217 161 676 - [contact@germanodesousa.com](mailto:contact@germanodesousa.com)  
CENTRO DE MEDICINA LABORATORIAL GERMANO DE SOUSA SA - DOUTOR GERMANO DE SOUSA - MÉDICO FISILOGISTA CLÍNICO - LICENÇA DE FUNCIONAMENTO Nº 001/2008  
LABORATÓRIO CERTIFICADO COM SISTEMA DE GESTÃO DA QUALIDADE ISO 9001

  
**Dr. Alain Maniabile**

Resultados dos meus testes serológicos IgG em 22 de Junho e em 26 de Julho de 2022 e em 11 de Agosto de 2023

Acho que, enfim, é tempo de os jornalistas começarem a ser jornalistas. E acabarem com o festim dos lobbies que nos querem manter sequestrados pelo medo, sem questionar reacções adversas de fármacos, sem questionar dinheiros escandalosamente pagos enquanto o SNS cai de podre e cresce o número de portugueses sem sequer médico de família, e que sofrem (e morrem) por um sem-número de doenças evitáveis e curáveis.

Entretanto, tenho andado aqui a pensar em que momento terei eu contactado novamente com o SARS-CoV-2 a ponto de chegar aos 1640 BAU/ml sem sequer ter dado por sintomas. Terá sido há três semanas com aquela garganta raspada que me “obrigou” a comprar uns rebuçados Dr. Bayard?

PARTILHAR



PARTILHAR

PARTILHAR

# PÁGINA UM

O jornalismo independente DEPENDE dos leitores

Apoie o PÁGINA UM

Subscrever Newsletter

PÁGINA UM



# 1640: JANELA FORA COM O NEGÓCIO DO PÂNICO